

## A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO MODERNO: PODER E DISCIPLINA EM MICHEL FOUCAULT

Celso de Jesus Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho pretende averiguar, a partir da análise do filósofo francês Michel Foucault, como as questões do poder e da disciplina apresentam-se na modernidade vinculadas à idéia de saber e como essas questões são abordadas metodologicamente sob sua genealogia, mostrando assim como a modernidade se organizou no nível do poder e da disciplina, formando, segundo o filósofo, a “sociedade disciplina” ou o “poder disciplinar”. Usaremos, como obra base, Vigiar e Punir, que focaliza e privilegia o poder e a disciplina, a partir da arquitetura das prisões e do poder soberano. Foucault realizou uma análise do poder, um estudo denominado por ele de “analítica do poder”. O filósofo objetivou estabelecer, na obra mencionada, as práticas que possibilitam o aparecimento do poder a partir do enfoque privilegiado em instituições como dispositivos em que o poder, juntamente com a disciplina, sujeita os corpos, o que somente na época Moderna se evidenciou. Por isso, Foucault identificou a sociedade moderna como uma sociedade disciplinar. Observaremos, nessa perspectiva, como a compreensão de poder e de disciplina apresentam-se no pensamento de Foucault, e como suas análises ajudaram a entender melhor as novas técnicas e táticas da prática do poder.*

**Palavras-chave:** Genealogia; Poder; Disciplina.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma abordagem filosófica da teoria de Michel Foucault no que concerne à questão do poder e da disciplina na modernidade, época em que surgiu uma sociedade moldada e organizada no nível do poder e da disciplina, criando o que Foucault denominou “sociedade disciplinar” ou “poder disciplinar”. Restringimo-nos a abordar essa temática usando como obra base o livro *Vigiar e Punir*, onde as análises do filósofo sobre o poder, o saber e a disciplina estão sistematizadas. Algumas obras secundárias de Foucault e de outros autores, que comentam as suas análises, serão inseridas no trabalho para tentar fundamentar e enriquecer as argumentações que serão aqui expostas.

Vale ressaltar que as análises do filósofo acerca do poder obedecem a delimitações históricas e espaciais. Ele elabora a sua genealogia do poder, tendo como referência e foco central a França dos séculos XVII, XVIII e XIX, época marcada pelo “aparecimento” do aparelho de produção de capital e da disciplina, que pode limitar o nosso trabalho.

As análises de *Vigiar e Punir* privilegiam o exercício do poder e da disciplina tal como aparecem no final do século XVII ao início do século XIX em instituições sociais como a prisão, o manicômio, as escolas, o Estado e outras instituições voltadas para o controle social e agregadas a processos de produção de diversos discursos voltados para o controle direto e indireto tanto da sociedade (população) quanto de indivíduos inseridos em tais instituições, produzindo noções legitimadoras de saber e de verdade.

O estudo feito por Foucault dos modos pelos quais o poder foi exercido na história, como ele funciona e como ele foi se modificando, constitui-se um importante estudo e uma significativa contribuição para a Filosofia Contemporânea. É valiosa para nossos dias suas

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador – UCSal; [celsosfc@yahoo.com.br](mailto:celsosfc@yahoo.com.br). Orientador: Professor Fernando Gigante Ferraz.

análises já que nos desafia a entender de que maneira fomos “fabricados” como indivíduos modernos e sobre os quais discursos legitimadores de poder.

Foucault oferece uma nova compreensão do poder, fazendo um estudo das estratégias, formas de dominação e práticas sociais num conjunto de relações que se exercem permanentemente de baixo para cima como uma teia que permeia todo corpo social e passa por todos os indivíduos. O poder atua em domínios específicos e, apesar de estar fragmentado, podemos, facilmente, identificar sua atuação.

Dessa maneira, desejamos, em síntese, expor, filosoficamente, o problema do poder a partir de Michel Foucault. Abordaremos a noção de poder, partindo, a priori, da noção de genealogia, até chegarmos à noção de disciplina ou poder disciplinar.

Usaremos a seguinte metodologia: leitura da principal obra de Foucault, no que diz respeito à questão do poder e da disciplina, leitura de obras secundárias do filósofo e de comentadores, análise e interpretação das obras lidas.

## 1. A GENEALOGIA DO PODER

A genealogia foucaultiana é uma metodologia específica de investigação do poder que, ao contrário da arqueologia, não se detém a realizar um estudo dos saberes, das formas como se constitui o discurso ou como se constituiram as ciências humanas. A genealogia do poder, que é sistematizada em *Vigiar e Punir*, onde nos deteremos, aborda a questão do poder a partir da tomada de poder sobre os corpos, por isso nela são colocadas as lutas do poder, seus regimes de verdade (visões de verdade que controlam e regulam), seus mecanismos, suas formas e as estratégias destes jogos de poder. O disciplinamento, por exemplo, como tecnologia de submissão dos corpos a um saber científico, técnico e prático, é parte das estratégias do poder. A respeito da genealogia de Foucault, afirma Rabinow:

O tema central da genealogia de Foucault é, então, mostrar o desenvolvimento das técnicas de poder orientadas para os indivíduos. (...) Em suma, Foucault pretende construir um modo de análise daquelas práticas culturais, em nossa cultura, que têm sido instrumentais para a formação do indivíduo moderno tanto como objeto, quanto como sujeito (RABINOW, DREYFUS, 1995, p. 133).

Em sua elaboração genealógica do poder, Foucault buscou as causas da relação de poder junto dos indivíduos, em suas vidas cotidianas, como uma “malha capilar” de micropoderes que se espalham sutilmente entre todos os indivíduos através de pequenas práticas sociais e dos modos pelos quais o poder foi exercido na história. Um poder que recai sobre a realidade mais concreta e cotidiana dos indivíduos, que é exercido sobre o corpo intervindo direta e materialmente sobre ele.

A genealogia foucaultiana representa uma perspectiva para a construção de uma nova metodologia de análise com a preocupação investigativa no “como” do poder, no poder entendido como uma tecnologia sutil que adquire formas e modos diferentes ao longo dos séculos. A genealogia oferece um “diagnóstico que se concentra nas relações de poder, saber e corpo na sociedade moderna” (RABINOW, DREYFUS, 1995, p. 117). Na genealogia ganham maior expressão o aparecimento da verdade como “invenção” produtora de relações de poder e as formas de poder estabelecidas na sociedade e inscritas no corpo sob a forma de disciplina.

Trata-se, portanto, de um estudo da alma moderna, da moral, do ascetismo, buscando abordar o poder a partir de seu exercício, fora de uma origem primária, buscando, em vez disso,

a forma como ele se inscreve nos corpos e os transforma num determinado momento histórico construído por rupturas e pelas singularidades dos acasos, esse estudo implica:

Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua “origem”, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos (...) (FOUCAULT, 2004, p. 19).

A partir do método genealógico, Foucault construiu um modo de conhecer o poder e de perceber sua atuação junto às pessoas numa relação de causa-efeito (o sistema capitalista impulsionou a “produção” de sujeitos, proporcionou uma política dos corpos). A esse respeito afirma Foucault:

Se a decolagem econômica do Ocidente começou com os processos que permitiram a acumulação do capital, pode-se dizer, talvez, que os métodos para gerir a acumulação dos homens permitiram uma decolagem política em relação a formas de poder tradicionais, rituais, dispendiosas, violentas e que, logo caídas em desuso, foram substituídas por uma tecnologia minuciosa e calculada da sujeição. (...) as técnicas que tornam útil a multiplicidade cumulativa de homens aceleram o movimento da acumulação de capital (FOUCAULT, 2002, p. 182).

Então, na genealogia está em jogo a análise das estratégias de poder, o seu modo de aparecimento e como ele se manifesta. A análise do poder ou dos poderes desmascara a forma de constituição de práticas sociais conjuntas, numa determinada economia, das quais todos somos alvos. Contudo, Foucault não produziu uma teoria geral das múltiplas formas de poder, sua preocupação recaiu na fragmentação do poder revelado em uma multiplicidade de mecanismos e na complexidade de seus efeitos. Esse estudo é denominado, “análise do poder”.

O poder, para Foucault, é difuso, não reside em um lugar específico, funciona em cadeia, está espalhado e sempre presente nas relações que os indivíduos estabelecem em sociedade. O poder deve ser analisado como algo que circula, que só funciona em cadeia, nunca é apropriado como riqueza ou como bem. Funciona e se exerce sempre em rede. O poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Dessa maneira, o indivíduo é um efeito do poder e um centro transmissor, logo, ele não pode pertencer a uma classe, a um grupo, tampouco estar fixo em um determinado lugar, como vemos em sua posição:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2004, p. 183).

Uma das ideias básicas de Foucault é demonstrar, ao contrário da concepção clássica, que o poder está deslocado do Estado como ponto de partida para o seu exercício, como também ele não está somente representado pelo sistema jurídico-soberano ou em qualquer outro lugar ou instituição, em vez disso, o poder está em toda a rede de relações sociais. O poder, na concepção de Foucault, deve ser estudado fora do modelo do Leviatã e do campo delimitado pela soberania

jurídica ou pela instituição estatal, logo “é preciso estudá-lo a partir das técnicas e táticas de dominação. Esta é, *grosso modo*, a linha metodológica que procurei seguir nas várias pesquisas que fizemos nos últimos anos” (FOUCAULT, 2004, p. 186).

O poder não tem uma essência, tampouco algum atributo que o qualifique ou faça distinção daqueles que o possuem de outros despossuídos, conforme colocado por Roberto Machado:

O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites e fronteiras. (...) O poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona (MACHADO, 2004, p. XIV).

Os efeitos do poder são intencionais e objetivos, não pode haver uma situação na qual não haja algum tipo de dominação. Foucault dissocia poder de repressão porque o poder não tem unicamente a função de ser negativa, de proibir, reprimir, impedir, mas também corresponde a uma função positiva. Nesse sentido, o filósofo demonstra que o poder é positivo, não somente violento, ele produz relações, demarca realidades, submete os indivíduos a regimes de verdade, faz emergir processos de subjetivação, produzindo verdade, normas, colocando os corpos em aparelhos de produção de economia, de saber, disciplina e de coerção.

O poder não é somente uma relação restritiva e repressiva, ele corresponde a uma positividade. Não cabe, em Foucault, uma análise negativa do poder porque ele produz realidade, objetos, indivíduos e saber, como se observa nessa passagem:

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade, produz campos de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 2002, p. 161).

É necessário esclarecer que, apesar da construção de toda essa abordagem, Foucault não desenvolveu uma teoria sobre o poder e sim uma analítica, o que implicou uma análise das estruturas de poder, em seus modos de atuação e funcionamento.

Segundo Gilles Deleuze (1990), Foucault faz críticas aos postulados tradicionais de análise do poder, que reservam ao seu pensamento lugar de destaque e originalidade. Resumiremos aqui essa valiosa contribuição dada por Deleuze. Tais críticas são:

1. ao postulado da propriedade: privilegia o poder como estratégia, como exercício e não como propriedade;
2. ao postulado de localização: o poder não está localizado ou disposto em um único lugar, retido num aparelho de Estado;
3. ao postulado da subordinação: diferente da leitura marxista, as relações de poder não estão subordinadas às infra-estruturas econômicas e ao modo de produção ou a superestrutura qualquer;

4. ao postulado da essência ou do atributo: o poder não é dotado de essência, nem de algum atributo que o qualifique ou faça distinção daqueles que o possuem de outros despossuídos;
5. ao postulado da moralidade: o poder, segundo Foucault, não é necessariamente violento e repressivo, nem age por meio da violência ou pela mistificação ideológica. Não produz, com isso, falsidade ou distorções da verdade;
6. ao postulado da legalidade: contra o poder de Estado exprimido na lei, sendo esta concebida ora como um estado de paz imposto às forças brutais, ora como o resultado de uma guerra ou de uma luta ganha pelos mais fortes.

Deleuze resume, através desses postulados, a idéia central do tema do poder em Foucault, que indicam, em resumo, as idéias de poder desenvolvidas na análise do nosso filósofo.

## 2. A COMPREENSÃO DO PODER DISCIPLINAR

A disciplina é um instrumento de poder que usa métodos coercitivos os quais permitem o controle dos corpos, das atividades e das vidas dos indivíduos através de uma tecnologia específica de controle. Vejamos o primeiro conceito de disciplina exposto por Foucault:

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer do século XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação (FOUCAULT, 2002, p. 118).

E, mais à frente, continua ele:

Em uma palavra, as disciplinas são o conjunto das minúsculas invenções técnicas que permitiram fazer crescer a extensão útil das multiplicidades fazendo diminuir os inconvenientes do poder que, justamente para torná-las úteis, deve regê-las. Uma multiplicidade seja uma oficina ou uma nação, um exército ou uma escola, atinge o limiar da disciplina quando a relação de uma para com a outra torna-se favorável (FOUCAULT, 2002, p. 181).

A mecânica do poder disciplinar define como se pode ter domínio técnico sobre o corpo, num esquema de rapidez e de eficácia. A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis, como escreveu Foucault na citação acima.

Para o filósofo, o processo de “invenção” desta nova forma de poder é a soma de múltiplos processos muitas vezes mínimos que esboçam a fachada de um método geral e não deve ser entendida como uma descoberta súbita (FOUCAULT, 2002, p. 119). A técnica disciplinar não pode ser entendida como uma descoberta súbita porque já era conhecida no ocidente nos conventos, nas oficinas, fábricas, escolas, hospitais, prisões, entre outras instituições fundamentais ao funcionamento da disciplina e da sociedade capitalista. Essa técnica articula uma nova relação entre o poder e os indivíduos, tomando posse de seus corpos e usando-os da maneira que mais lhe convém.

Por outro lado, esse estudo da localização da disciplina em instituições, a exemplo das mencionadas acima, não significa que Foucault tratou de fazer uma história das instituições, ou até mesmo uma teoria das formas de disciplinamento nelas colocado, o que o filósofo pretendeu foi “localizar apenas uma série de exemplos algumas das técnicas essenciais que, de uma a outra, se generalizaram mais facilmente” (FOUCAULT, 2002, p. 120).

A disciplina operou um tipo de comportamento no corpo, manipulando seus elementos, em suma, “fabricando” o tipo de homem ideal e necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade burguesa-capitalista que também esteve ligada, em longa extensão, à exploração demográfica do século XVIII e ao crescimento de aparelhos de produção. Dos corpos era preciso extrair força, trabalho, aptidão e lucro, eis o imperativo do sistema, bem conhecido por nós, de produção econômica. Um corpo bem disciplinado seria fundamental à sociedade capitalista de produção.

## CONCLUSÃO

A questão do poder e da disciplina que abordamos nesse trabalho foi se tornando uma preocupação específica no pensamento de Foucault. Pode-se perceber, ao longo de suas obras, particularmente na fase genealógica marcada pelas obras *Vigiar e Punir* e a *História da sexualidade I*, a existência de elementos que estão presentes no poder como o saber, o controle, a disciplina e a coerção. Contudo, o autor Foucault se reservou a análise do poder na sociedade moderna da Europa, admitindo o seu interesse em analisá-lo a partir da arquitetura das prisões, como vimos ao longo deste trabalho.

O conceito de poder em Foucault é inovador, ele retira a idéia de um sujeito que lhe dá ação, logo, não há o sujeito que impõe o poder, ou que o detém, para dele obter benefícios, ou seja, o poder possui intencionalidade, ele é estratégico. O poder toma posse de corpos, o indivíduo está sempre submetido a ele. Porém, o poder é troca, assim, não existe um sujeito totalmente passivo a essa tática, o que acontece é uma constante troca de poder nas relações sociais. Dessa forma, o poder é pensado, nas abordagens de Foucault, a partir de multiplicidades (micro práticas) sem um sujeito único que lhe imponha posse.

Foucault admite fazer uma análise do poder compreendida nas formas de resistência, porque todo poder implica uma resistência a forças dispersas que tentam dissolvê-lo. Isso quer dizer, então, não procurar em instituições ou aparelhos a centralidade do poder, ele não possui localidade, não está presente em um local específico e determinado. As instituições (Estado, prisão, manicômio, etc.) são dispositivos de poder que transformam e adestram corpos.

É inegável a contribuição dada por Foucault à compreensão do poder, de seus efeitos e mecanismos pelos quais se articulam as noções de saber e disciplina, revelando, assim, a funcionalidade do poder sobre os indivíduos e sobre todo o corpo social.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de José Carlos Rodrigues. São Paulo: BRASILIENSE, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões*. 25ª edição. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: VOZES, 2002.

\_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade*. 2ª edição. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: MARTINS FONTES, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: NAU, 1996.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade Volume I – A Vontade de Saber*. 14ª edição. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: GRAAL, 2001.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 20ª edição. Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: GRAAL, 2004.

MACHADO, Roberto. *Microfísica do Poder: Introdução*. 20ª edição. Rio de Janeiro: GRAAL, 2004.

MAIA, Antônio. *Sobre a Analítica do Poder em Foucault*. In: Revista Tempo Social. São Paulo: USP, outubro de 1995, vol. 7, p. 83 a 103.

RABINOW, Paul . DREUFUS, Hubert. *Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. 1ª edição. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITÁRIA, 1995.